

ANALISANDO O EFEITO DA TRANSPARÊNCIA DA LINGUAGEM NO DISCURSO RELIGIOSO DAS CAPAS DA REVISTA CRISTO REI

Claudiane Prass*

RESUMO: *A finalidade deste trabalho é atravessar o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido, identificando sua opacidade, seus efeitos de sentidos múltiplos e variados, identificando como o sujeito é interpelado pela ideologia e assim, des-naturalizar o que parece evidente. A análise ocorreu a partir do estudo das capas da revista Cristo Rei, nas quais, tanto a linguagem utilizada como as imagens estão carregadas de efeitos de sentido, como por exemplo, a comparação da mulher/mãe atual com a imagem de Maria, mãe de Jesus é simbólica, impregnada de significados com fins ideológicos.*

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Mito de Maria; Opacidade da Linguagem

ABSTRACT: The aim of this paper is to cross the transparency effect of the language, the literal sense, identifying its density, its effects of multiple and varied meanings, identifying how the subject is apostrophized by the ideology, and thus des-nation what seems evident. The analysis was based on the study from the covers of the “Cristo Rei” magazine, in which both the language and the images are loaded with meaning effects, such as the comparison of the woman/mother with the current image of Mary, the mother of Jesus is symbolic, impregnate with ideological meanings.

KEYWORDS: Discourse; Myth of Mary; Opacity of the Language

A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE EM NOSSO COTIDIANO

A religião exerce papel fundamental sobre a sociedade, cultura e até mesmo na formação do caráter do ser humano. É por isso que existe a necessidade de determinados questionamentos de como ela utiliza esse poder influenciador. Discutir o papel influenciador da religião em pleno século XXI, pode até parecer irrelevante, mas não é, pois apesar de na atualidade existir todo o discurso científico, tecnológico de modernidade, a atitude de muitas pessoas está vinculada aos preceitos religiosos, sendo elas cristãs, ou não, como no caso dos atentados terroristas, nos Estados Unidos em 2001. São muitos os assuntos que sofrem intervenções da igreja,

* Bolsista Capes, mestranda do PPGL Linguagem e Sociedade da Unioeste, na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados.

como é o caso da liberação do aborto.

Tanto a linguagem utilizada nas capas das revistas, assim como as imagens estão carregadas de efeitos de sentido, a comparação da mulher/mãe atual com a imagem de Maria, mãe de Jesus, é simbólica, carregada de significados com fins ideológicos. O objetivo deste trabalho é o de desnaturalizar o que parece evidente, atravessando o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido, identificando sua opacidade, seus efeitos de sentidos múltiplos e variados, identificando como o sujeito é interpelado pela ideologia.

Desse modo, observar-se-á como o a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem, ao se afirmar, por exemplo, que, na atualidade, a figura da mulher mãe ainda está atrelada a figura de Maria. Objetiva-se, ainda, analisar como as relações de linguagens são relações de sujeitos e de sentido e seus efeitos são múltiplos e variados, como no caso do enunciado: “As mães de nosso tempo que se espelham nas mães de Jesus” ou “Mães no mundo da geração do salvador aos dias de hoje”, edições de maio de 2011 e 2006 da revista Cristo Rei, respectivamente (ver ANEXO).

Por que ainda, na atualidade, se vincula a imagem da mulher à de “Maria”?

Como define Eni Orlandi, a Análise do Discurso é uma disciplina que como o próprio nome indica trata do discurso. E “O discurso é assim a palavra em movimento, prática da linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando” (p.15, 2007). Deste modo, conforme a autora, é preciso que o analista, “atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito” (p.61, 2007).

Nesse sentido, buscar identificar qual é a opacidade, atravessando o efeito de transparência da linguagem, e perceber quais os valores ideológicos estão presentes no seguinte enunciado: “Educadora, silenciosa, paciente, zelosa, afetuosa. São muitos os predicados que podem ser atribuídos à mãe de Jesus e assumidos pelas mães de hoje”, edição de maio de 2011, é uma tarefa para o analista de discurso.

O foco para o analista de discurso é o da materialidade, para Orlandi, “nos interessa a materialidade que é linguístico-histórica, logo não se remete a regras, mas as suas condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco.” (p.65, 2007). E, assim, compreender como a impressão de transparência é produzida e quais seus efeitos, considerando que as relações da linguagem são relações de sujeitos e de sentidos.

Portanto, quando uma mulher/mãe passa a ser comparada de modo simbólico à mãe de Jesus, a Maria, tem-se uma relação de linguagem, de sujeito e de sentidos, além de se ter a presença de um discurso pré-construído que, segundo Pêcheux, “corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a articulação “constitui o sujeito em sua relação como o sentido .”(1997, p.164). Já a opacidade do discurso está no que Bourdieu (1999) afirma, ou seja, de que há uma dominação sutil e simbólica, cuja legitimação da impunidade para a violência física está ancorada pelas predicções da igreja que utiliza ou cria seus discursos seres simbólicos. Em sua opinião, a igreja procura identificar Eva com aquilo que a mulher é e Maria com aquilo que a mulher deveria ser. Eva corresponderá, então, à generalidade das mulheres, sendo atribuídas características da primeira mulher a todo o gênero feminino. Verifica-se, assim, transferência de conceitos de ordem teológica para o social.

Esta é uma questão que merece alguma reflexão, se articulada com as estratégias de justificação da dominação masculina, já que para AD a linguagem não é transparente, nem unívoca, e também não é apenas uma transmissora de informação, no respectivo esquema: emissor, receptor, código, referente e mensagem, mas é uma relação de linguagem, e, isto significa que “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”, (Orlandi, p.21, 2007).

No enunciado da revista da edição de maio de 2011, também, pode-se perceber como a ideologia se materializa na língua, ao se afirmar, por exemplo, que as mães de hoje se espelham na mãe de Jesus. O legado da religião perpassa séculos e, estende-se, aos dias atuais como se fosse algo natural sem nenhum vínculo com relação de dominação. Já que, a igreja inculca padrões morais na sociedade, como cria mitos para justificá-los, a exemplo do mito da criação do mundo, em especial da criação do homem e da mulher, no qual Eva surge a partir de uma costela de Adão, simbolizando sua submissão. O mito da criação, portanto, também sustenta o modo pelo qual a mulher é tratada na atualidade como um ser tentador, já que, segundo a Bíblia, foi ela quem desobedeceu a Deus, passando a ser considerada um ser demoníaco, desvalorizando, assim, a mulher. Em contrapartida se cria um outro mito feminino, o de Maria, a mãe de um salvador, virgem, santa, o ideal de mulher.

Desse modo, inculcam-se modelos de representação, valores e padrões de comportamento, aos quais as mulheres têm a tendência de aceitar de modo passivo e não como socialmente construído. Bourdieu (1999) em seu livro *A Dominação Masculina*, aponta que esta questão está de tal modo ancorada em nosso inconsciente que não a percebemos mais, sendo inclusive reproduzidas por instituições, como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado.

Na atualidade, temos também a efetiva presença dos meios de comunicação de massa que contribuem para propagação dos fins ideológicos sociais interferindo no controle do corpo dos seres humano e, essa intervenção confere poder, “Segundo as teses foucaultianas, o poder está fundamentalmente ligado ao corpo, em todas as sociedades modernas, uma vez que é sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições.” (Gregolin, p.09, 2003), e atribuir a mulher simbolicamente atributos de passividade é uma maneira de legitimar um poder sobre seu corpo.

De acordo com a escritora Collete Dowling, em sua obra ‘Complexo de Cinderela’, a sexualidade da mulher é tão castrada que ela precisa da desculpa do amor para sentir prazer com o outro. Não basta, portanto, para a mulher, o simples desejo. O prazer da mulher está intimamente relacionado a um sentimento inexplicável como o amor”, (Paiva Bello, 2001). Essa obediência feminina, repassada pelo contexto bíblico, acontece de tal modo que a sexualidade da mulher é reprimida a ponto de ela se sentir culpada e no dever de abnegação do prazer sexual.

O mito de Maria assume assim uma conotação extremamente anti-vida, não só pelo aspecto da realidade biológica, como também pelo aspecto de modelo imposto às mulheres. Não existe para o ser humano um outro arquétipo tão nefasto. Ao contrário, a maioria dos modelos masculinos são povoados de heróis, homens fortes, viris, homens de decisão e à semelhança, na terra, de Deus. (PAIVA BELLO, 2001,)

Através do mito de Maria, o prazer da mulher está sempre relacionado a adjetivos pejorativos, enquanto que, com o homem, dá-se o contrário. Para os homens o sinal de dignidade masculina é a potência de sua virilidade que é valorizado e reforçado pela própria sexualidade feminina e também, a condição da mulher como sacerdotisa ainda é um tabu, pois, a maior representante da religião cristã e com fortes influências na tradição do ocidente, a igreja católica, veta a condição de sacerdócio as mulheres, permitindo o acesso ao episcopado apenas aos homens.

Há, sobretudo, contradições dentro da própria igreja cristã, não se aplicando como regra geral essa leitura da submissão, havendo quem as conteste, como no caso do Frei Betto, que, em seu texto “A bíblia pela ótica feminina”, diz:

Lida por esta ótica, a bíblia revela a igualdade entre homens e mulheres e denuncia a leitura machista que pretende derivar dos desígnios de Deus instrumentos de dominação, como a interdição de acesso das mulheres ao sacerdócio e ao episcopado, e a preponderância masculina sob o pretexto de que Eva foi criada a partir da costela de Adão – quando a natureza não deixa dúvida de que todo homem nasce do corpo de uma mulher. (BETTO, 2005)

Tem-se, neste sentido, a presença das condições de produção, com seus múltiplos sentidos e, pode se dizer, portanto que o “direcionamento interpretativo” dado pela igrejas cristãs aos textos bíblicos, repassados dentro de um contexto familiar é um dos fatores responsáveis pela condição social de subordinação imposto às mulheres.

Já na figura paterna, temos em comum a palavra família presente nas capas das revistas de agosto de 2006 e a de 2007 (ANEXO), sendo que o pai não está sozinho com seus filhos, mas acompanhado pela esposa. Além de seus filhos, temos aí uma formação discursiva que é definida por Orlandi (2007) como aquilo que pode e deve ser dito, diante de uma conjuntura sócio-histórica dada. Nesse sentido, aos olhos de uma sociedade patriarcal e androcêntrica, como define Bourdieu (1999), não seria permitida uma construção de discurso diferente, o cuidado dos filhos ainda é tida como uma obrigação restrita às mulheres, nada mais do que uma extensão dos afazeres domésticos.

Enquanto a imagem da figura do pai é construída em torno de uma família, a figura da mãe é apresentada somente com uma criança, representando uma mãe com seu filho. Na revista de 2011, e na de 2006, temos a imagem destaque, situada no centro da capa, de uma mulher sozinha, e, na faixa, temos várias imagens de mulheres: uma de gari, já, a outra imagem feminina, se dá na companhia de um menino, na outra acompanhada por uma menina cadeirante e, ainda, numa terceira fotografia, tem-se duas mulheres abraçadas, uma mais jovem e outra mais idosa. Diante deste contexto, percebe-se, há opacidade do discurso, aquilo que a princípio seria evidente, não havendo uma relação com o histórico ou simbólico, pois a sociedade aceita como algo natural a imagem da mulher sozinha ou com uma criança. Mas, se fosse o contrário, se fosse um homem com uma criança para representar o dia dos pais, não causaria estranhamento por parte do leitor? E por quê? Ou se daria da mesma maneira, pode-se dizer, então, que a capa provavelmente seria reavaliada e discutida, pois a sociedade, normalmente, associa muito mais os cuidados dos filhos à mulher, não somente deles, como também das pessoas idosas, e até mesmo de quem necessita de ajuda, sendo que as três situações mencionadas estão presentes nas imagens que a capa da edição de 2006 traz em suas fotografias.

Outra análise possível das capas se dá pelo ao fato de termos a presença apenas de famílias de cor branca. Temos, aí, também, a evidência, o olhar do colonizador europeu da região oeste, lembrando que a sede da revista é o município de Toledo, situado no oeste paranaense, colonizado em sua maioria por descendentes de imigrantes europeus vindo do sul do país, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em meados da década de 1950.

Pode-se perceber que temos, nas imagens, símbolos que alimentam o imaginário social, na qual este meio de comunicação, a revista, é utilizada para a reprodução dos valores já existentes, que, segundo Gregolin, a mídia

o retorno de figuras, de representações que constituem o imaginário social, “Fazendo circular essas figuras, ela constrói uma ‘história do presente’, simulando acontecimentos – em – curso que vêm eivados de signos do passado”, (p.96, 2003). Nesta revista religiosa, tem-se primeiro o símbolo de Maria que é signo resgatado do passado e, também, na edição de agosto de 2006, há outro símbolo resgatado: as alianças. Na imagem da capa há uma mão segurando duas alianças abaixo da palavra família e acima desta palavra, há a imagem de um bebê, um homem e uma mulher felizes, representando uma família e, as alianças, a instituição casamento e da fidelidade conjugal. Portanto, “O real é, pois, sobre determinado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos” (GREGOLIN, p.98-99, 2003), e como a autora cita ainda “(...) na *sociedade do espetáculo* os textos produzem, em novas figuras, a repetição dos velhos discursos” (GREGOLIN, p.107, 2003, grifo da autora), tem-se, então, a ilusão de liberdade, enquanto somos vigiados e punidos como já afirmou Foucault.

Os discursos encontrados nas capas destas revistas condicionam atitudes humanas que estão correlacionadas com o corpo humano, ou melhor, imagens construídas a partir de dois corpos diferentes. Nota-se, novamente, que há o poder que está fundamentalmente ligado ao físico, impondo obrigações, limitações e proibições, nessa situação o corpo feminino é condicionado e quando não condizem com as expectativas, evidentes, é obvio há uma condenação social que incide sobre tais corpos, “Esse poder que se exerce sobre o corpo é ininterrupto e, por isso, naturalizado, é internalizado pelo sujeito.” (GREGOLIN, p.99, 2003).

Então, podemos encontrar diante dos enunciados escritos como nas imagens uma formação discursiva religiosa vinculada aos padrões culturais dominantes de uma sociedade, uma família feliz, unida com o enunciado “Todos unidos, pela família” isto na capa de agosto de 2007, e outro enunciado “Uma escola de fé, oração e virtudes humanas: Família”, esta na edição de 2006, também de agosto, no entanto como estas famílias são representadas? Ambas as imagens de capa estão em sintonia com os enunciados, apresentam um homem, uma mulher, adolescentes, todos juntos e sorridentes, em uma das capas, e, na outra, um casal com bebê também sorridentes, além da presença, abaixo do enunciado de uma mão com duas alianças bem destacadas pelo tamanho da imagem e pela centralidade. Tais conceitos de família, cujas personagens são de pele branca pertencem, portanto, a um discurso de uma classe hegemônica, obviamente num discurso religioso, jamais se configuraria outra imagem de casal, a não ser a tradicional, homem e mulher, encontramos assim a formação discursiva, aquilo que Pêcheux afirma ser, “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (...)” (p.160,1997, grifo do autor).

Assim como é possível questionar o fato de haver uma presença significativa da mulher nas imagens das capas da revista o valor simbólico que ela adquire perante a sua responsabilidade em especial relacionada aos deveres tidos como “obrigatoriamente” femininos, como o cuidado das pessoas idosas, das pessoas enfermas e obviamente da dedicação quase que exclusiva na educação de seus filhos. Também, é perceptível o silenciamento relacionado à figura paterna que, não necessariamente, condiz a este modo tradicional de família, mas aquele que assume o compromisso com seus filhos de educá-los, aqueles que ficam com a guarda judicial destes; aqueles que dividem e compartilham de seus afazeres domésticos e até mesmo daqueles que assumem essa responsabilidade, deixando de serem os provedores da família, permanecendo em casa, enquanto suas esposas ocupam seu espaço no mercado de trabalho, e, os casais homossexuais que adotam filhos. Mas essas relações ainda são tidas como exceção, e por não serem consideradas comuns, ou melhor, por não serem naturalizadas, sofrem discriminação justificando seu silenciamento. E a mulher será considerada somente como provedora do sustento familiar, quando não está acompanhada da imagem de uma figura masculina? Permanecerá sempre em plano secundário quanto a sua independência financeira? Designada, sempre, prioritariamente aos seus compromissos sociais atrelados a educação, como um ser zeloso, paciente, afetuoso, educador e, por fim, resumidamente, relacionada a tudo isso como um ser silencioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objeto de estudo quatro capas da Revista Cristo Rei, ao analisar a linguagem e as imagens utilizadas nas capas foi possível observar os efeitos de sentidos, e, sua relação com a condição de gênero, como a figura, principalmente a feminina, é representada neste meio de comunicação, des-naturalizando assim, o que parece evidente, atravessando o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido. Identificando a opacidade do discurso religioso, os seus efeitos múltiplos e variados, identificando, também, como o sujeito é interpelado pelo discurso construído ideologicamente, e este, manifestasse na linguagem.

Percebeu-se que o discurso presente nas edições estudadas, condiciona, ainda, a mulher do século XXI como, quase de maneira exclusiva, a responsável pela educação de seus filhos, comparando a Maria, mãe de Jesus, ela passa a cumprir uma função social de um “Ser” obediente, pacífico, submisso, superando todos os desafios que a sociedade lhe impõe, enquanto ao homem o seu papel social continua sendo o de provedor da

família, não fazendo diretamente parte da educação de seus filhos. Enquanto, à mulher permanece em plano secundário quanto a sua independência financeira, ou, aceita somente como provedora da família quando esta não está acompanhada de uma figura masculina. Destinada, prioritariamente aos compromissos sociais atrelados ao cuidado das pessoas enfermas, das crianças e da educação destas.

Portanto, é possível constatar que, no atual discurso religioso cristão, ainda está, profundamente, marcada a relação de desigualdade-subordinação entre homens e mulheres, existindo um poder exercido sobre o corpo feminino e masculino, que é internalizado intensamente pelos sujeitos de modo inconsciente, como algo natural e não algo construído historicamente.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BETTO, F. *A bíblia pela ótica feminina*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/betto_bibliafem.html>. Acesso em 24 de mar.2005.

GREGOLIN, M. R. (Org.), *Discurso e Mídia – a cultura do espetáculo*, São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*, 7.ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAIVA BELLO, J.L.de . O poder da religião na educação da mulher. *Pedagogia em foco*. Rio de Janeiro. 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher>>. Acesso em 24 de mar. 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et al], 3 ed. São Paulo: Unicamp, 1997.

RIBEIRO, S. M. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no cristianismo. In: *CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA*, 4, Coimbra, Portugal, 2000 – “Sociedade portuguesa : passados recentes, futuros próximos : actas” [CD-ROM]. Oeiras : Celta Editora, 2002, p.1-24. (CECS - Comunicações). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/5357>>. Acesso em 2014.

ANEXO

